

JANAIÁRA MARIA DE PAIVA FERREIRA^{1*}.

¹ Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA), Sobral - CE. *E-mail: janageo2013@gamil.com

RESUMO

Objetivou-se no presente artigo apresentar a experiência adquirida no ensino de Geografia realizado em uma escola de uma cidade do interior do Ceará. Considera-se que o Estágio Supervisionado é de fundamental importância na formação dos futuros professores e, a partir da prática docente obteve-se resultados bastante significativos que ajudou na superação de alguns anseios e na desconstrução de uma aula “perfeita”. Assim, analisou-se, que o estágio supervisionado oportuniza o discente em formação inicial a construção de saberes e identidade profissional, sendo que a imersão no ambiente escolar possibilita o conhecer os diversos desafios do campo onde irá atuar. Concluiu-se, pois, que o Estágio Supervisionado se consolida como indispensável à formação de professores, visto que as vivências adquiridas no cotidiano escolar oportunizam o desenvolvimento de habilidades e técnicas para poder enfrentar os desafios da futura profissão. Assim, o estágio configura-se como uma prática pedagógica que possibilita a construção de saberes e a identificação com a profissão.

Palavras-chave: Estágio supervisionado, Ensino de geografia, Formação de professores.

ESTÁGIO SUPERVISIONADO: RELATO DE EXPERIÊNCIA NO ENSINO DA GEOGRAFIA EM UMA ESCOLA DA REDE PÚBLICA DE UMA CIDADE DO INTERIOR DO CEARÁ**INTRODUÇÃO**

O Estágio Supervisionado como componente teórico-prático constitui um momento de grande significado na vida do professor em formação, visto que a vivência no ambiente escolar lhe possibilitará desenvolver técnicas e habilidades úteis à construção de um novo profissional (PIMENTA, LIMA, 2004).

Dessa forma, o estágio configura-se como campo de conhecimentos e eixo curricular central nos cursos de formação de professores possibilitando que sejam trabalhados aspectos indispensáveis à construção da identidade, dos saberes e das posturas específicas ao exercício profissional docente (PIMENTA, LIMA, 2004).

Assim sendo, objetivou-se, no artigo apresentar a experiência no ensino de Geografia realizada com alunos do 8º ano em uma escola de Ensino Infantil e Fundamental da rede pública de uma cidade do interior do Ceará. A experiência foi desenvolvida durante a atividade de regência de classe na disciplina de Estágio II, no curso de licenciatura em Geografia, de uma universidade estadual de uma cidade do interior do Ceará.

Da teoria à prática: o papel do estágio supervisionado na formação do professor

Conforme Pimenta, Lima (2005) *“o estágio supervisionado como componente curricular nos cursos de formação de professores permite a construção de habilidades e competências a partir da vivência no espaço escolar e da regência de classe”*.

Conforme Saiki (2015)

“A Prática de Ensino e Estágio Supervisionado são significativos nos cursos de licenciatura, e não deveriam ser realizados apenas como um cumprimento da grade curricular, mas sim contextualizados e comprometidos com a transformação social, unindo formação profissional e pessoal, responsabilidade individual e social” (SAIKI, 2015, p. 20).

Assim, pois, o estágio supervisionado deve ser entendido como um exercício de construção coletiva do conhecimento, de integração entre o saber e o fazer, que são fundamentais no crescimento profissional e pessoal do licenciando. Para Andrade (2005) *“o estágio constitui um importante parte integradora do currículo, a parte em que o licenciando vai assumir pela primeira vez a sua identidade profissional e sentir o compromisso com o aluno”*.

Neste sentido, o estágio, constituindo-se, para boa parte dos professores em formação, como a primeira experiência em sala de aula, tem-se apresentado como um espaço de tensão e questionamentos. É comum no momento do estágio o aluno perguntar-se: Até que ponto estou preparado para lecionar? Será que saberei mediar o conhecimento adquirido ao longo do curso com as prioridades dos alunos?

Segundo Cavalcanti (1998)

“A relação de uma ciência e a matéria de ensino é complexa; ambas formam uma unidade, mas não são idênticas. A ciência geográfica constitui-se de teorias, conceitos e métodos referentes à problemática de seu objeto de investigação. A matéria de ensino Geografia

corresponde ao conjunto de saberes dessa ciência, e de outras que não têm lugar no ensino fundamental e médio como Astronomia, Economia, Geologia, convertidos em conteúdos escolares a partir de uma seleção e de uma organização daqueles conhecimentos e procedimentos tidos como necessários a educação geral” (CAVALCANTI, 1998, p. 15).

Nesse sentido, a construção do saber escolar deve partir das relações cotidianas, no intuito de reduzir a carga de abstração e de conteúdos que não despertam interesse e nem têm significado para o aluno. O saber aprendido na academia não pode ser mediado tal qual para os alunos, pois, embora a academia e a escola básica estejam engajadas na formação do indivíduo os objetivos são diferentes.

Nesta perspectiva, Prado (2009) afirma que

“O estágio é um processo de aprendizagem indispensável para um profissional que deseja estar preparado para enfrentar os desafios de sua formação. Nele estar a oportunidade de assimilar a teoria e a prática, conhecer a realidade do dia a dia, no que o acadêmico escolheu para exercer e entender a realidade que se vive e que irá trabalhar” (PRADO, 2009, p. 10).

Neste sentido, é no estágio que os alunos-professores terão oportunidade de vivenciar a realidade que compõe o cotidiano escolar, possibilitando-os compreensão acerca dos desafios que serão encontrados no futuro campo de trabalho. Para tanto, é importante que os cursos de licenciatura desenvolvam atividades que promovam análise e reflexão da realidade escolar para um melhor entendimento sobre o seu funcionamento e sobre o desenvolvimento do trabalho docente.

Para Almeida, Pimenta (2014)

“Durante o curso de graduação começam a ser construídos os saberes, as habilidades, posturas e atitudes que formam o profissional. Em períodos de estágio, esses conhecimentos são ressignificados pelo aluno estagiário a partir de suas experiências pessoais em contato direto com o campo de trabalho que, ao longo da vida profissional, vão sendo reconstruídos no exercício da profissão” (PIMENTA, 2014, p. 20).

Entende-se, pois, que durante o processo formativo os licenciandos devem experimentar situações reais de ensinar/aprender, uma vez que, o encontro com estas situações pressupõe que os alunos-professores avancem significativamente na produção de saberes docentes e identidade profissional.

De acordo com Pimenta (1997), *“Estágio é um componente do currículo que não se configura como disciplina, mas como uma atividade”*. Deste modo, o estágio configura-se como uma oportunidade de aprendizagem, que permite ao discente em formação inicial conhecer os diversos desafios da realidade escolar e, investigar novas maneiras de superar os eventuais problemas da futura profissão.

Assim, pois, a construção do conhecimento profissional ocorrerá a partir da vivência em sala de aula. O estágio é o eixo central na formação de professores, pois é através dele que o profissional conhece os aspectos indispensáveis para a formação da construção de identidade e dos saberes do dia a dia (PIMENTA, LIMA, 2004).

Entende-se, pois, o estágio como espaço/tempo de produção de conhecimentos docentes, no qual o licenciando terá a oportunidade de assimilar a teoria e a prática, ou seja, fazer a articulação dos componentes teóricos apreendidos na universidade à prática docente.

Estágio supervisionado como campo de conhecimento

Componente curricular da Licenciatura o Estágio Supervisionado do Curso de Geografia de uma universidade de uma cidade do interior do Ceará tem como finalidade, conforme seu Projeto Pedagógico (2006), promover a articulação entre a teoria e a prática, entre o ensino e a pesquisa, contribuindo, assim, para a formação de um professor pesquisador capaz de problematizar e compreender a realidade escolar.

O Estágio Supervisionado do Curso de Licenciatura em Geografia contempla, ainda segundo o Projeto Pedagógico (2006), uma carga horária total de 480 horas, dividida em quatro componentes curriculares: estágio I, II, III e IV. Nesse trabalho direcionamos nossas reflexões para ao estágio II. Ofertado no quinto semestre do curso com uma carga horária de 100 horas/aulas, o estágio II é direcionado para os quatro anos finais do ensino fundamental.

As atividades desenvolvidas durante o estágio II foram realizadas em uma escola de uma cidade do interior do Ceará, a referida escola oferece as modalidades de Ensino Infantil e Fundamental no período diurno e Educação de Jovens e Adultos (EJA) o período

noturno. O estágio ocorreu no período compreendido entre o dia 15 de setembro e 17 de dezembro de 2017 para uma turma de 40 alunos do 8º ano.

Cabe mencionar que, o estágio II foi realizado na mesma turma onde realizamos o estágio I, o que permitiu ao longo do semestre construir uma relação afetiva e de confiança com os alunos. Acredita-se que essa relação de afetividade e confiança contribuiu de forma significativa para o êxito das atividades desenvolvidas durante a regência.

A proposta que orientou a atividade de estágio pautou-se nas discussões em sala com o professor orientador e em atividades na escola básica nas formas de observação, participação e regência. Assim sendo, voltou-se para a observação e análise da realidade escolar, leitura do Projeto Pedagógico, participação nas reuniões de planejamento e pedagógica, observação das aulas ministradas pelo professor regente, observação dos alunos em situações de aprendizagem, conhecimento do programa do professor de Geografia, e a regência da sala de aula. As atividades de conhecimento do cotidiano escolar foram permeadas por encontros sistemáticos com o professor-orientador do estágio para discussão e planejamento das atividades desenvolvidas e produção do relatório final da disciplina.

Assim sendo, iniciou-se a prática do estágio com a observação das aulas de Geografia do professor regente e, logo foi identificado seu domínio de sala e do conteúdo ministrado. No entanto, poucos eram os alunos que participavam da aula com perguntas ou intervenções, de modo que, um número significativo de alunos se limitava a ouvir as explicações do professor e tirar cópias do quadro quando solicitado.

Ainda, no decorrer das aulas observou-se o uso frequente do livro didático como único instrumento pedagógico, no qual o docente utilizava-o não como material de apoio no processo de ensino-aprendizagem, mais enquanto fonte de estudo e pesquisa, isto é, apenas reproduzia o que estava descrito no mesmo.

Contudo, destaca-se a importância do livro didático para o processo de ensino, uma vez que, orienta a prática pedagógica do professor, como também aborda a sequência dos conteúdos a serem apreendidos pelos educandos. Conquanto, a questão está relacionada ao modo que o docente vinha trabalhando com o livro no dia a dia escolar, ou seja, resumindo-se apenas a transmitir os conteúdos sem fazer a correlação com o cotidiano dos estudantes.

Segundo Cavalcanti (1998)

“Nesta perspectiva, os estudiosos alertam para a necessidade de se considerar o saber e a realidade do aluno como referência para o estudo do espaço geográfico. O ensino de geografia, assim, não se deve pautar pela descrição e enumeração dos dados, priorizando apenas aqueles visíveis e observáveis na sua aparência (na maioria das vezes impostos “memória” dos alunos, sem real interesse por parte destes). Ao contrário, o ensino deve propiciar ao aluno a compreensão do espaço geográfico na sua concretude, nas suas contradições” (CAVALCANTI, 1998, p. 31).

Partindo desse entendimento, as aulas do professor regente configuravam-se no modelo tradicional de ensino no qual prevalece o tripé- professor/livro didático e aluno. Desse modo, a prática do docente revelou a necessidade de trazer novas metodologias que facilitassem o ensino da Geografia, tendo em vista que esta ciência permite discutir-se com os mais variados conteúdos presentes no livro didático estabelecendo-se conexões com a realidade dos discentes.

Segundo Straforini (2004)

“não podemos mais negar a realidade ao aluno. A Geografia necessariamente, deve proporcionar a construção de conceitos que possibilitem ao aluno compreender o seu presente e pensar futuramente através do inconformismo com o presente. Mas esse presente não pode ser visto como algo parado, estático, mas sim constante movimento” (STRAFORINI, 2004, p. 25).

Percebe-se, pois, que cabe ao professor o (re)pensar constante de suas práticas e, buscar metodologias no ensino de Geografia que sejam significativas aos alunos, de modo que, possibilite que eles busquem seu senso crítico, e melhorem a compreensão do conteúdo trabalhado e principalmente para entenderem as transformações que ocorrem na sociedade contemporânea. Observou-se, ainda em relação a metodologia empregada pelo professor que a avaliação constava como principal método de verificação da aprendizagem dos alunos.

Conforme Passini (2003)

“Ainda muito utilizada nas escolas, a avaliação visa à reprodução do conteúdo exposto em sala de aula, utilizando para isso instrumentos

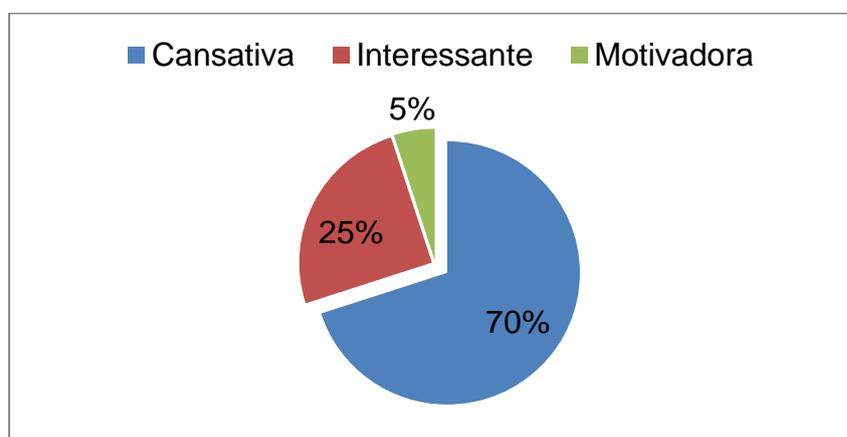
como provas, exames, chamados orais, exercícios etc., nos quais a exatidão das respostas é muito importante para o processo e o erro é visto como “falta de aprendizagem” (PASSINI, 2003, p. 13).

Assim sendo, a apatia dos alunos em relação à aula continuava, de modo que, foi surgindo algumas inquietações sobre: que motivos levavam os alunos a não participarem da aula? Seria o fato deles não entenderem os conteúdos? Seria dificuldade de concentração? Ou seria por que não queriam estar ali? Na busca de encontrar respostas para tais questionamentos foi elaborado e aplicado no encontro seguinte um questionário contendo 4 perguntas. As perguntas visavam saber o que os alunos pensavam da disciplina de Geografia e das metodologias utilizadas pelo professor nas aulas.

O questionário foi aplicado a 38 alunos de um total de 40. Os dados obtidos foram convertidos em gráficos. Primeiro perguntou-se aos alunos se gostavam da disciplina de Geografia o resultado ficou assim dividido: 75% dos alunos opinaram que não gostam, pois, acham a disciplina “chata”, porque os conteúdos são muito descritivos, principalmente nos temas relacionados à geografia física e 25% responderam que gostam e, acham que a Geografia discute temas interessantes.

As respostas revelam uma visão da Geografia como uma disciplina “decoreba” em que a aprendizagem só é possível pela memorização dos conteúdos, sem, obviamente, nenhuma importância para a vida cotidiana dos alunos. Em seguida foi questionado aos alunos sobre o que pensam da disciplina. As respostas, materializada no **Gráfico 1**, mostram que para 70% dos alunos a Geografia é uma disciplina cansativa; 25% responderam ser interessante e apenas 5% acha motivadora.

Gráfico 1 - Opinião dos alunos sobre a disciplina Geografia.

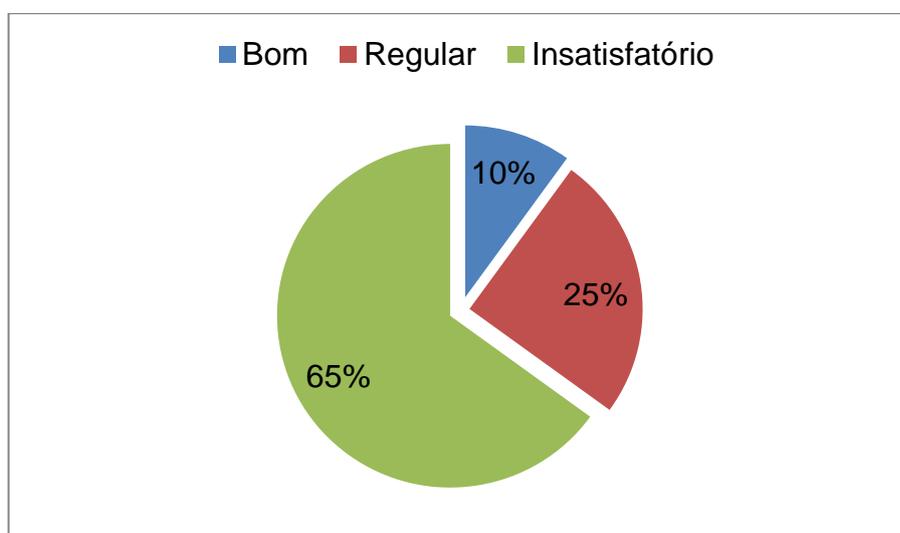


Fonte: Ferreira, 2017.

Novamente a Geografia aparece como uma disciplina enfadonha. Acredita-se que esse fato se deve a permanência de aulas expositivas e descontextualizadas, tornando o ensino-aprendizagem dessa disciplina pouco interessante e atrativo para os alunos.

Na sequência perguntou-se acerca da metodologia adotada pelo professor. A opinião dos alunos mostra que eles estão insatisfeitos. Conforme mostra o **Gráfico 2**, 65% dos alunos disseram estarem insatisfeitos em relação à metodologia, 25% acha regular e 10% consideram boa a metodologia adotada nas aulas.

Gráfico 2 - Opinião dos alunos sobre a metodologia do professor.

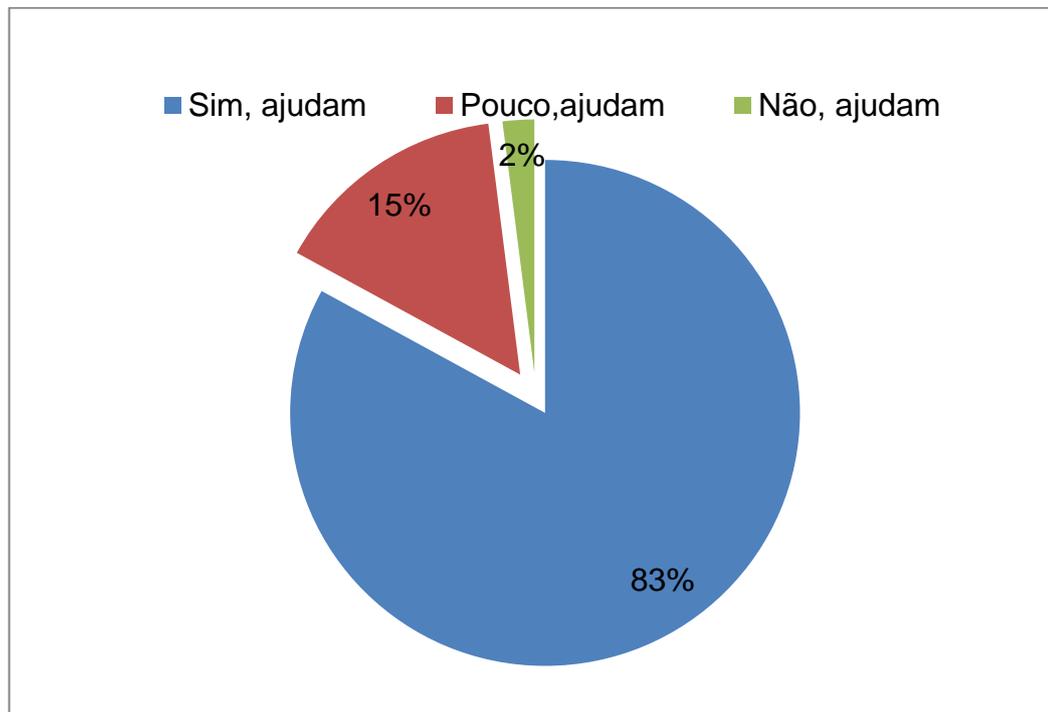


Fonte: Ferreira, 2017.

Concluiu-se, que a insatisfação dos alunos se deve ao professor utilizar uma metodologia tradicional que se constitui de exposições orais com apoio do livro didático, sem que os alunos sejam motivados a refletirem, tornando-se meros ouvintes e reprodutores do saber.

Por último perguntou-se se o uso de recursos didáticos auxilia na explanação das temáticas. O **Gráfico 3** mostra que 83% dos alunos acredita que os recursos didáticos ajudam na compreensão dos conteúdos, 15% disseram que ajuda pouco e 2% responderam não ajudam em nada.

Gráfico 3 - Opinião dos alunos sobre o papel dos recursos na compreensão dos conteúdos.



Fonte: Ferreira, 2017.

Percebeu-se, pois, que os alunos conseguem aprender mais facilmente os conteúdos quando utilizados outros recursos além do livro didático, visto que este foi, e em muitos casos, ainda costumam ser usado de forma mnemônica, descritiva e acrítica. Esta prática desconsidera o fato de que, atualmente, o mais importante na educação não é “repassar conteúdos”, e sim construir o conhecimento, criar e ainda, transformar realidades.

Assim sendo, com as informações obtidas a partir da análise dos questionários identificou-se a necessidade de trazermos uma prática diferente da prática que os alunos estavam acostumados. Desta maneira, no dia da regência de classe buscou-se construir aulas mais motivadoras e instigantes.

DISCUSSÃO

A temática escolhida para ser trabalhada na regência foi às atividades dos setores econômicos. Iniciou-se a aula com apresentação de um painel, contendo algumas imagens, a fim de instigá-los a descobrirem qual seria o tema proposto. Para isso lançou-se alguns questionamentos que permitiu os alunos identificarem as diferenças e particularidades entre as imagens e, logo identificarem à temática.

Continuou-se com a apresentação de slides, abordando as ideias principais, buscando não trazer conceitos “prontos”. Assim, procurou-se um esforço para trabalharmos os conteúdos articulados ao cotidiano dos alunos para que se sentissem motivados a participarem da aula e, portanto, aprenderem Geografia.

Conforme Castellar, Vilhena (2011)

“Uma proposta pedagógica se forma a partir de um elo entre quem ensina e quem aprende. Para isso é preciso ter uma aula dialogada, como perguntar; e aberta para receber perguntas; uma aula que parta das referências dos alunos e traga explicações científicas as dúvidas e as experiências do dia a dia” (CASTELLAR, VILHENA, 2011, p. 15).

Para auxiliar nas discussões fez-se uso do vídeo: o homem consumista de Steve Cutts. A partir do vídeo analisamos as transformações no espaço, o processo de dominação política e econômica, a questão ambiental, o crescimento das indústrias, entre outros.

No decorrer da aula foi buscado discutir o conteúdo a partir do local de vivência dos alunos, visando fazê-los compreender a articulação entre o espaço local e global. A discussão sobre as atividades primárias (agricultura e pecuária) fluíram muito bem, visto que a maioria dos alunos reside no campo. Para discutir os setores secundário e terciário centrou-se em explicações que abordavam as atividades presente no distrito, tais os comércios, o próprio crescimento do distrito e, assim foi feita uma análise das mudanças sócias espacial a partir das atividades econômicas presentes no campo e na cidade.

A motivação dos alunos para participarem da aula veio dos questionamentos lançados. A experiência foi bastante positiva, uma vez que boa parte dos alunos participou, fazendo perguntas, tirando dúvidas. Finalizou-se a aula com aplicação de uma atividade disciplinar sobre a temática discutida. Todos os alunos participaram da atividade com respostas bem desenvolvidas.

Percebe-se, que o estágio supervisionado se consolida como indispensável à formação de professores, visto que as vivências adquiridas no cotidiano escolar oportunizam o desenvolvimento de habilidades e técnicas para poder enfrentar os desafios da futura profissão. Assim, na sala de aula o aluno poderá através da observação, identificar fatores que interferem na construção do processo de ensino e aprendizagem e buscar superá-las. O estágio configura-se como uma prática pedagógica que possibilita a construção de saberes e a identificação com a profissão.

REFERÊNCIAS

1. ANDRADE AMDE. O Estágio Supervisionado e a Práxis Docente. In: SILVA MLSF. (Org.). Estágio Curricular: Contribuições para o Redimensionamento de sua Prática. Revista eletrônica de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2005; 2 (4): 236-240.
2. ALMEIDA MI, PIMENTA SG. Estágios supervisionados na formação docente. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2014; 230p.
3. CAVALCANTI LDES. Geografia, escola e construção de conhecimentos. Campinas: Papirus; 1998; 295p.
4. CASTELLAR S, VILHENA J. Ensino de Geografia. São Paulo: Cengage Learning, 2011; 320p.
5. PASSINI EY, et al. (Org) Prática de ensino de Geografia e estágio supervisionado. 2 ed. São Paulo: Contexto; 2013; 350p.
6. PIMENTA SG. O estágio na formação de professores: unidade, teoria e prática? São Paulo: Cortez; 1997; 350p.
7. PIMENTA SG, LIMA MSL. Estágio e Docência. 2ª ed. São Paulo; 2004; 450p.
8. PRADO MR. A importância dos estágios no curso de pedagogia. 2009. Disponível em: <http://unicastelo.br/portal/a-importancia-dos-estagios-no-curso-de-pedagogia-2/>. Acesso em: 20 de jul. de 2020.
9. SAIKI K, GODOI FB. A Prática de Ensino e o Estágio Supervisionado. In: PASSINI EY (org.) Prática de ensino de geografia e estágio supervisionado. São Paulo: contexto; 2007; 250p.
10. STRAFORINI R. Ensinar Geografia: o desafio da totalidade-mundo nas séries iniciais. São Paulo, Annablume, 2004; 455p.